

Resumo: O modo de ser jovem é uma construção social. O meio em que o jovem se encontra influencia na construção de seus projetos, suas opções, seus valores. Assim foi com o jovem de todas as épocas. O jovem dos da modernidade é objeto de desejo, como juventude eterna. A juventude é mais uma representação simbólica do que uma condição biológica. O jovem dos anos 60, integrados nos movimentos de mudanças culturais, apresenta-se como o jovem da rebeldia e resistência. A juventude brasileira frente ao regime militar tem um perfil de atuação política integrada nos movimentos sociais. É um grande desafio entender o conceito de cultura juvenil, caracterizada hoje pela urbanidade. Para a Igreja, esse conceito está em sintonia com a evangelização do mundo jovem. O jovem é aberto à proposta da fé cristã. Mas a Igreja precisa utilizar a linguagem e os meios apropriados para que os valores do Evangelho tenham incidência na cultura juvenil dos nossos tempos.

Abstract: The way of being young is a social construction. The middle in which the young finds himself influences in the construction of his projects, his options, his values. So it has been with the young men and women of all times. The young of the modernity has the desire of the eternal youth. The youth is more a symbolic representations than a biological condition. The young of the years 60, integrated in movements of cultural changes, presents himself as the young of the rebelliousness and resistance. The brasilian youth in front of the military regime has a profile of political actuation integrated in the social movements. It's a big challenge to understand the concept of juvenile culture, characterized today by urbanity. To the Church, this concept is in harmony with the evangelization of the young world. The young men and women are open to the proposal of the Christian faith. But the Church needs to employ the language and the means necessary to make the values of the Gospel meaningful to the juvenile culture of our times.

Cultura juvenil

*Antonio Ramos do Prado, sdb**

* O autor é Mestre em Pastoral Juvenil pela Universidade Salesiana do Equador. Salesiano de São Paulo. Assessor da CEPJ da CNBB.



Introdução

O presente artigo tem como proposta apresentar e analisar as características mais significativas da cultura juvenil urbana. A juventude é como uma fase da vida do ser humano. Assim, entendemos que a cultura juvenil muda, de acordo com o tempo e o lugar onde a pessoa vive. Alguns autores, como Feixa (1999), acreditam que a cultura juvenil consiste no modo como os jovens se manifestam no grupo, por meio da construção de vários estilos e formas de vida.

Segundo o pensador Maffesoli (2006), a urbanidade é o espaço apropriado para as organizações juvenis. Para Costa (2000), o mundo urbano é o espaço de sociabilidade das culturas, no qual criam e recriam seus costumes e comportamentos. Cada tempo é reinventado, permanentemente, é imaginado, e nele a experiência de pertencer a um dado grupo é cotidianamente vivida pelos jovens.

1 Aspecto histórico da cultura juvenil

O conceito “juventude” constitui uma construção social que possui uma origem histórica e apresenta variações substantivas quanto à forma e quanto aos conteúdos, com relação aos que foram chamados de “jovens” no passado e, certamente, dos que serão chamados assim no futuro. Neste sentido, a juventude, assim como hoje é entendida e conhecemos, é uma forma de comportamento resultante de uma realidade histórica, que se associa à formação da sociedade industrial moderna. Não é que, estritamente, não houvesse juventude antes, mas sua construção obedecia a um modelo social diferente, ao qual se associavam conteúdos também diferentes dos de hoje

1.1 Cultura juvenil e era moderna

Nos primórdios da era moderna, a fronteira entre a infância e a juventude ainda não era tão definida. Para a maioria da população, a escola ainda não se colocara em contraposição à vida de trabalho, como normalmente ocorre hoje. Somente quando a frequência escolar tornou-se obrigatória, no contexto do início do século XIX, passou a adotar-se



o corte dos catorze anos, estabelecendo uma clara demarcação entre infância e juventude.¹

Como em todas as épocas, os jovens modernos ardem em desejos, promovem encontros nos becos, nas vias públicas, jovens de ambos os sexos costumam frequentar e marcar encontros à noite no cemitério. Estende-se então a longa mão das autoridades, vigiando e reprimindo as atitudes dos jovens.² Outro aspecto da juventude masculina, moderna, consiste na atitude de dar sustos. Assustar as pessoas, sobretudo mulheres e crianças, uma atuação ritual que gira ao redor dos dois polos, da coragem e do medo. Segundo Schindler, tal postura “confirma os papéis sexuais tradicionais, e pode ser levada a cabo com êxito quando se está protegido pela escuridão”.³ É nesse contexto que se explica por que no carnaval tanta gente se mascarava de diabo: por exemplo, os jovens insolentes vestiam-se de diabos ou então se envolviam em lençóis de linho e assustavam as pessoas. Poderíamos olhar para a nossa sociedade hodierna e pensar em quantos jovens usam cadernos e camisetas com caveiras, imagens de filmes de terror etc.

Em outros momentos, jovens obstruíam passagens, colocando troncos no meio do caminho e em becos escuros, para fazer tropeçar quem passasse de noite, utilizavam também rodas de carros para bloquear estradas ou até mesmo o decurso normal de água, sempre com a clara intenção de subverter a ordem estabelecida. Nessas molecagens e vagabundagens noturnas dos jovens, vigorava a lei não escrita, não oficial de que lhes pertencia tudo o que estava pelas ruas, sem limites. Todos esses atos de vandalismo e excessos exibicionistas eram acompanhados de uma gritaria selvagem, feita de berros e fúrias, de bater e socar em caixas, perturbando a paz noturna e assustando velhinhos e enfermos. Normalmente, os adultos se limitavam em ficar de olho nas ações e inclinações dos próprios filhos, que para eles estavam crescendo. Essas liberdades juvenis, essas correrias e inventadas e praticadas em grupo representavam um campo de experiência e de aventuras e até mesmo de integração social que se enfraqueceria lentamente, com a passagem

¹ Cf. SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). *História dos Jovens: Da antiguidade à era moderna*. Vol 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 270.

² Cf. *Ibid.*, 282-283.

³ *Ibid.*, 285.



para a fase adulta e a aquisição de funções diferenciadas e baseadas na propriedade e no *status* social.⁴

A juventude do início da era moderna permanecia inquieta, pois grande mudança estava acontecendo. Com o século XX, o mundo do consumismo positivou o ideal de juventude, passando a ser objeto de desejo, sonhado por muitos, como a eterna juventude. Ideal que não deixa de ser triste, pois se trata de uma utopia daqueles que desejam permanecer jovens para sempre, mas têm a época da juventude pelas costas. Nesse contexto, a juventude passou a não mais ser definida pela condição biológica, assumindo uma representação simbólica. Neste sentido, as pessoas deixaram de ser jovens em decorrência apenas da idade, mas por assumirem características próprias da juventude. Revela-se, então, pelo modelo da condição juvenil, um apelo mais geral: o direito de fazer retroceder o relógio da vida, tornando provisórias decisões tanto profissionais quanto existenciais, visando dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos concretos.⁵ O jovem perde seu espaço e sua identidade, enquanto outros a desejam e adquirem, mesmo que parcialmente.

1.2 Juventude brasileira frente ao regime militar

É importante destacar ainda o perfil da juventude brasileira frente ao regime militar. Uma juventude de muitos rostos, porém com o poder de unir os diversos movimentos, abalando as convicções e as certezas da década de 60, como constata Luís Antonio Groppo: “Ações estudantis, *beatniks*, *hippies*, culto às drogas, misticismos orientais e contracultura, guerrilheiros socialistas [...]. Tal juventude se expressa na valorização da coragem guerrilheira e da opção pela luta armada”.⁶ Podemos acrescentar, na diversidade de grupos, os escritores, intelectuais, gente do teatro, da música e do cinema, perseguidos pela censura, toda uma geração que não hesitou em pegar em armas e fazer resistência à ditadura, buscando mudar, transformar a realidade social, compondo uma nova alternativa

⁴ Cf. SCHINDLER, Norbert. *Os Tutores da Desordem*: Rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 302.

⁵ Cf. MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, No 5 e 6, maio-dezembro, 1997. Edição especial. p. 13.

⁶ GROppo, Luis Antonio. *Uma Onda Mundial de Revoltas*. Movimentos estudantis de 1968. Piracicaba: Unimep, 2005, p. 15.



política, uma outra forma de viver a sexualidade, uma espiritualidade original, uma distinta relação com a família.⁷

Nesse contexto, as principais capitais do País, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e logo Brasília, em pouco tempo se tornaram praças de guerra onde estudantes e policiais se enfrentavam quase diariamente. O estopim foi a morte de um estudante, assassinado em uma operação policial de repressão a um protesto em frente ao restaurante universitário chamado “Calabouço”. Sobre esse episódio Zuenir Ventura relata que “Em 68, a morte de alguém, mesmo a de um jovem desconhecido, podia levar o País a uma crise e o povo à indignação, como levou naquela sexta-feira, 29, em que 50 mil pessoas acompanharam o corpo de Edson Luís Lima Souto ao cemitério São João Batista.”⁸

Outro evento que evidenciou a força dos jovens, seu profundo desejo de mudança, e o apoio de uma sociedade com medo, foi a passeata dos 100 mil, que, em protesto à morte de Edson Luís de Lima, em plena ditadura militar, parou as ruas do Rio de Janeiro.

É importante lembrar que, no mundo inteiro, o ano de 1968 foi marcado por diversas manifestações. A juventude mundial sofria as disparidades dessa época, e com os jovens brasileiros não foi diferente. No entanto, tais movimentos não esgotavam as juventudes brasileiras, nem mesmo contemplavam a maioria dos jovens. Apenas uma pequena parcela de jovens conscientes e politizados estava à frente de tais movimentos. Podemos dizer que eram o “fermento na massa”.

Os jovens passavam por profundas mudanças de ordem pessoal e social. Muitos mudaram a maneira de se vestir, deixaram os cabelos crescerem, aderiram ao jeans, andavam descalços. Reavaliavam os valores sociais. Um fato interessante foi o 30º Congresso Nacional da UNE, realizado em um sítio em Ibiúna, interior de São Paulo. O Congresso terminou com a maioria dos jovens sendo presos. Os jovens foram interrogados, presos, torturados e em muitos casos deportados do País. Em 13 de dezembro de 1968, um golpe mortal para juventude e para o País, o Ato Institucional número 5 passou a vigorar. Uma ditadura sem disfarce, no qual o Congresso Nacional, a Assembleia Legislativa e algumas Câmaras Municipais foram postas em recesso. Muitos políticos

⁷ Cf.: ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 42.

⁸ VENTURA, Zuenir. *1968 O ano que não terminou*. 3. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008. p. 93.



foram cassados, prisões, desaparecimentos e torturas passaram a fazer parte da rotina. Inúmeros mortos e desaparecidos, terminando este tempo de ditadura com as *Diretas já*, no ano de 1984.

2 Conceito de cultura juvenil

O conceito de cultura juvenil alcança várias compreensões. É possível identificar uma concepção de cultura juvenil nos documentos da Igreja e também em alguns pensadores.

2.1 Cultura juvenil nos documentos da Igreja

Nos documentos papais, o Papa Paulo VI (1963-1978) fala do drama entre cultura e evangelização. O Papa destaca o desafio de promover a cultura sem perder a ternura do amor, que deve elevar a dignidade humana acima da cultura. Focando especialmente a cultura juvenil, Paulo VI demonstra uma preocupação com os jovens, pois a cultura confirma a identidade da pessoa humana.

Nas Encíclicas de João Paulo II (1978), torna-se notória a preocupação com os jovens e sua cultura. A Encíclica *Dives in Misericórdia* (02/12/1980) aprofunda o texto do filho pródigo e menciona a cultura do consumismo do filho mais novo em herdar os bens do pai. Ao mesmo tempo, a Encíclica enfoca a cultura da misericórdia que marca profundamente o arrependimento do filho e a acolhida incondicional do pai. Alguns anos mais à frente, o mesmo papa, na Encíclica *Centesimus Annus* (01/05/1991), fala do Estado e da Cultura, afirmando a visão realista da natureza social do homem, a qual exige uma legislação adequada para a proteção de todos. Visa ajudar os jovens a terem uma consciência ética dos seus direitos e deveres na sociedade.

Já antes, o Concílio Vaticano II, no Decreto *Apostolicam Actuositatem* (1968, n. 12), apresentara a cultura juvenil como uma influência da maior importância na sociedade moderna. As circunstâncias da vida dos jovens, a mentalidade e as próprias relações com as famílias, estavam profundamente mudadas. Eles passavam de maneira rápida para a nova condição social e econômica. Aumentava dia a dia sua importância social e política. Porém estavam muitas vezes despreparados para assumirem determinados papéis na sociedade. A cultura e a vida social precisam caminhar juntas, conservando os valores que promovem a vida. Ainda



segundo o Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965, n. 53) é definida a plenitude da cultura quando a pessoa humana atinge a humanidade verdadeira. De fato, ela se dá plenamente quando o homem cultiva os bens e os valores da natureza humana.

O Documento de Puebla (1979, n. 51-53), falando dos aspectos da cultura, confirma a importância e riqueza das várias raças que compõem a cultura deste largo continente que é a América Latina. Ao mesmo tempo, fala das influências externas com novas formas de vida e valores que minam e deformam as culturas tradicionais de nossos países – minando, assim, nossa identidade e nossos valores específicos. Pelo final (n. 586), o documento afirma que a palavra “cultura” indica de maneira particular como em determinado povo é cultivada a relação com a natureza, com o outro, consigo mesmo e com Deus.

O recente documento de Aparecida (2007, n. 509-514) apresenta a cultura urbana como complexa e plural. A cidade é o lugar de novas culturas, e elas vão sendo gestadas e se impondo, com novas linguagens e novas simbologias. No mundo urbano acontecem complexas transformações, que influenciam todos os aspectos da vida humana, em especial na vida dos jovens.

2.2 Cultura Juvenil no pensamento de alguns autores

A cultura juvenil é marcada por trajetórias. Segundo Schäffer (1996, p. 161), a noção de *cultura juvenil* como parte de uma sociedade foi se desenvolvendo à medida que a juventude passou a ser vista como uma categoria social e geracional específica e, conforme a autonomia, foi sendo adquirida por esse grupo etário e seu estilo cultural de vida. Schäffer afirma que é preciso ficar atento aos estilos, pois estudos mais recentes associam a importância dos estilos culturais na adolescência às tendências de desinstitucionalização do indivíduo, de individualização de classes ou camadas sociais e de transformações estruturais da condição juvenil. Neste ponto, o mesmo autor (p.47) explica: “Nesse sentido, os estilos culturais são interpretados como reação às mudanças que estão ocorrendo de uma forma global nas sociedades complexas.”

Para Savage (2009), em 1944, nos Estados Unidos da América, o uso da categoria “jovem” de idade de 14 a 18 anos, desde o início foi um termo de *marketing* usado por publicitários e fabricantes, que refletia o poder do consumo dos adolescentes naquela época. O fato é que pela



primeira vez os jovens entraram no cenário das reflexões e se tornaram um público-alvo, o que também significava que eles tinham se transformado num grupo etário específico com rituais, direitos e exigências próprias. Nesse contexto, a ideia de que a juventude poderia ser definida como uma fase distinta da vida estava engatinhando. Mas as ideias surgiam na mente de muitas pessoas da sociedade, baseadas em promessa de juventude, transitória ou eterna.

Barbosa e Compbell (2006), ao falarem de cultura, consumo e identidade, classificam a cultura juvenil como uma combinação perfeita para o atual mundo contemporâneo. O jovem é o objeto de consumo cobiçado pelo mercado capitalista. Nessa relação de consumo, cria-se uma cultura, utilizando aquilo que os jovens gostam e fazem bem como: a música, roupas (moda), estética, linguagem etc. Cultura juvenil passa a ser aquilo que interessa ao mercado. É bom retomar novamente o conceito utilizado por Tylor (1871), segundo o qual a cultura é um conceito desenvolvido inicialmente para designar o todo complexo metabiológico criado pelo ser humano. A cultura é constituída por práticas sociais e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. E no caso do jovem, este padrão de um determinado espaço é altamente influenciado pela mídia e pelo neoliberalismo.

3 Cultura juvenil urbana

O Papa Paulo VI (1975), em sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, convida a Igreja a voltar um olhar especial para a juventude, pois é uma população que cresce rapidamente na sociedade, principalmente nos centros urbanos, e devido aos problemas que os cercam deve-se apresentar a eles com zelo e cuidado o Evangelho. A cultura juvenil sempre é aberta ao novo e à verdade.

Já na Carta Apostólica *Octogésima Adveniens* (1971), o mesmo Papa, preocupado com a cultura urbana do jovem no mundo industrial, perguntava “*qual seria o lugar dos jovens na mutação industrial e qual seria o seu papel na transformação social*” (p.11 n.13). Percebe-se que a preocupação de Paulo VI era a dignidade da pessoa do jovem e a valorização da cultura juvenil, pois sabia que a juventude era portadora de aspirações, de renovação e, também, de insegurança quanto ao futuro.

Silva e Costa (2006), no livro “*Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*”, reúnem artigos, fruto de pesquisas sobre questões da juventude



contemporânea, numa perspectiva em que o local e o global se articulam, recriando e produzindo novas formas de viver nas grandes cidades. Assim, Berlim e São Paulo aparecem como o cenário da pesquisa comparativa sobre feminismo e *hip-hop*; mais adiante, vemos os jovens de Lisboa através de trabalhos que discutem o corpo, a tatuagem e as bandas de *rock*. Há também a transformação do *status* do adolescente na família, observada na sociedade catalã. Juventude, globalização e modernidade, trabalho, lazer e violência, são temas focalizados nessa obra, que aborda a realidade juvenil, tendo como paisagem especialmente a metrópole paulistana

4 A Tribo Urbana

Despedindo-se da infância, agora é momento de reforçar seu espaço na sociedade; o jovem sente necessidade de encontrar modelos. Em tempos idos, eram os santos; hoje são os artistas, esportistas e os grupos musicais, figuras da *pop music*, que invadiram o imaginário juvenil.⁹ O jovem sofre com o dilema de morrer para a infância, ser inserido pelos colegas e pela sociedade em outro grupo etário, ou prolongar a prazerosa ausência de responsabilidade infantil. Neste ponto, a pesquisadora Silva assim escreve:

*O jovem está mais sensível com as mudanças sociais e culturais do meio em que vive, porque é parte fundamental dessas mudanças, porque está se preparando para escolher uma profissão e se tornar, mais tarde, um adulto responsável com suas obrigações sociais.*¹⁰

No contato com o outro o jovem se encontra, o grupo seduz e permite experimentar o que na família e na sociedade ainda não havia feito. Em casa, é filho dependente; no grupo é alguém, e isso o leva a preferir passar mais tempo no grupo do que em sua casa.

Seus modos espetaculares de existir através da música, dança, vestuário, indicam que esses jovens paradoxalmente buscam a integração [...]. Esses espaços, por onde o jovem vai construindo e/ou afirmando a

⁹ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade*. Considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004, p. 25.

¹⁰ SILVA, Wilma Regina Alves da. *Tribos Urbanas, Você e Eu: conversas com a juventude*. 2 ed. São Paulo, 2009, p. 30.



*sua identidade, são importantes como potencialidades de gerar novas identidades coletivas.*¹¹

A identidade pessoal dentro do grupo cresce, a segurança e a preparação para estabelecer seu lugar na sociedade também. Dentre os diversos grupos, destacam-se as “tribos” juvenis. O termo tribo urbana surgiu na década de 80, com o sociólogo Michel Maffesoli, e designa todos esses grupos que se expressam e têm maior evidência nas grandes cidades. Devido à sua heterogeneidade e liberdade de expressão, as tribos juvenis definem seus projetos e rumos em consonância com o momento cultural e histórico, revestidos de vocabulário, estética e atitudes típicas. Maffesoli avalia que: “O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas [...] a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo o que acompanha o tribalismo pós-moderno.”¹²

Nessas tribos, esse reencantamento tem como liga principal a emoção ou a sensibilidade, continua Maffesoli. O tribalismo, de maneira mais profunda, é uma declaração de guerra ao esquema substancialista que marcou o Ocidente: o Ser, Deus, o Estado, as Instituições, o Indivíduo. Em suma, somente o que dura é estável, consistente, merece atenção. O indivíduo é seu último avatar. Ele é o Deus moderno; a identidade, seu modo de expressão. Diante dessa realidade, para o jovem tribal, o estar em grupo, o participar de uma tribo, é relacionar-se com a realidade hodierna. Neste sentido, Costa analisa que “Essas tribos ostentam um vitalismo rebelde, opõem-se ao individualismo moderno e almejam situar-se à margem das normas da sociedade.”¹³ Tratando de vitalismo, peguemos o exemplo da música tecno, as *raves*: há nelas som alto, luzes, cores, muita gente, o nativo, o bárbaro, o tribal: dizem e redizem a origem e, com isso, restituem vida ao que tinha tendência a se esclerosar, aburguesar-se, institucionalizar-se. O retorno ao arcaico expressa, na maior parte do tempo, forte carga de vitalidade. Maffesoli elucida que:

¹¹ MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, No 5 e 6, mai-dez, 1997. Edição especial.

¹² MAFFESOLI, Michel. *O tempo das Tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 03.

¹³ COSTA, Márcia Regina da. Tribos Urbanas e identidades nas metrópoles. *Eccos*. UNINOVE, São Paulo: v. 3, n. 1, jun. 2001, p. 46.



Esse vitalismo aflora nas efervescências musicais, mas pode-se igualmente observá-lo na criatividade publicitária, na anomia sexual, no retorno à natureza, no ecologismo ambiente, na exacerbação do pelo, da pele, dos humores e dos odores, em suma, de tudo o que lembra o animal no humano. A vida se torna selvagem! Eis o paradoxo essencial da pós-modernidade, mostrando a origem, a fonte, o primitivo e o bárbaro.¹⁴

Encontra-se, na análise de Maffesoli, a acentuação do “vitalismo social e natural, sobretudo em certos períodos que assistem à desestabilização de seus valores e de suas convicções”,¹⁵ dentro do corpo social. Movimentos tribais, como os *hippies*, *punks*, *rappers*, juventude de 1968 diante do regime militar, foram grandes exemplos de vitalismo natural e social, respondendo às necessidades de suas respectivas épocas, com protestos culturais, sociais e, até mesmo, luta armada. *O tema das culturas juvenis urbanas desvela-se fundamental para uma aproximação e intervenção qualificadas ao universo cultural do jovem.* Desponta a dinâmica das tribos urbanas, ressaltando vários elementos que trazem em suas histórias e em paralelo dizem muito, sem quererem dizer, da própria sociedade em que se encontram, como retratos juvenis da cultura vigente.

Considerações conclusivas

O tema das culturas juvenis urbanas desvela-se como fundamental para uma aproximação e intervenção qualificadas ao universo cultural do jovem. Conhecer a dinâmica cultural que move os jovens configura-se como o ponto de partida para o estabelecimento de um diálogo fecundo e sincero, tendo como perspectiva a evangelização.

As tribos juvenis urbanas carregam e guardam características específicas, que não podem ser reduzidas a uma mesma realidade. No entanto, de maneira geral, os jovens encontram nos grupos espaços de proteção, reconhecimento e afirmação de identidade. Dimensões que muitas vezes lhes são negadas tanto pela sociedade como um todo, quanto pela família em particular.

A evangelização dos jovens configura-se como o grande desafio para a Igreja. O jovem não está fechado à verdade do Evangelho, muito pelo contrário. Mas é preciso adequar a linguagem, contextualizar as

¹⁴ MAFFESOLI, op. cit., p. 08.

¹⁵ Ibid., p. 125.



ações e práticas pastorais, sempre em criativa fidelidade com os ensinamentos da Igreja. O desafio está posto. A cultura juvenil urbana é uma realidade. Há um vasto campo a ser evangelizado.

Referências

ABRAMO, Helena; Freitas, Maria Virginia de; SPOSITO, Marilia Pontes (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 42.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (p.71).

CAMPBELL, C. e BARBOSA, L. *Cultura, Consumo e Identidade*. Ed. FGV: Rio Janeiro, 2006.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, Decreto “*Apostolicam Actuositatem*”. Vozes, 6º.ed. Petrópolis, n.1376, 1968,

COSTA, M. R. da C. *Os carecas dos subúrbios: caminho de um nomadismo moderno*. 2 ed. São Paulo: Musa, 2000.

COSTA, Márcia Regina da, SILVA, Elisabeth Murilho da (orgs) *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana* – São Paulo: Editora PUC Educ, 2006.

CULTURAEMO. *Referências teóricas sobre Cultura EMO. Substrato cultural basilar da Cultura EMO*. Disponível em: <<http://culturaemo.pbworks.com/Refer%C3%A2ncias-te%C3%B3ricas-sobre-Cultura-EMO>> Acesso em: 05 nov. 2010.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Ed. Paulus e Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DE PAULO VI (1963-1978). *Documentos da Igreja*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

ENCÍCLICA DE JOÃO PAULO II (1978-2005). *Documentos da Igreja*. Ed. Paulus, 1997.

FEIXA, C. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel, 1999.

FEIXA, Carlos. *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel, 1998,

GROPPO, Luis Antonio. *Uma onda mundial de revoltas. Movimentos estudantis de 1968*. Piracicaba: Unimep, 2005.



LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade. Considerações socio-culturais e pastorais*. Ed. Loyola: São Paulo, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

MAGNANI, José Guilherme C. “*Tribos urbanas, metáfora ou categoria?*”. Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 2 (2), 1992.

MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Brasileira de Educação. Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, n. 5 e 6, mai-dez. Edição especial, 1997.

PAULO VI (1971). *As necessidades Novas de um Mundo em Transformação. Carta Apostólica “Octogesima adveniens”*. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 1971.

PAULO VI (1975). *A Evangelização no Mundo Contemporâneo. Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”*. Documentos Pontifícios 188. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 1987.

PORTAL SESC SÃO PAULO. *São Paulo de todas as Tribos*. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=368&Artigo_ID=5628&IDCategoria=6481&reftype=2> Acesso em: 05 nov. 2010.

PUEBLA (1979). *Evangelização no presente e no futuro da AL. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Puebla de los Angeles, México 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Ed. Paulinas, 3 ed.

REGUILHO CRUZ, R. *Emergência de culturas juvenis, estratégias de desencanto*. Buenos Aires: Ed. Norma, p.3, 2000.

SAVAGE, J. *A Criação da Juventude: como o conceito teenager revolucionou o século XX*. Rio Janeiro: Rocco, 2009.

SCHÄFFER, R. Die Band: *Stil und aesthetische Praxis im Jugendalter*. Op-laden + Budrich., 1996 [<https://www.unibw.de/paed/ebwb/Mitarbeiter/schaeef>, 08.11.2011].

SCHINDLER, Norbert. *Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna*. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J.



(Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, W. R. A. *Tribos Urbanas, Você e Eu: Conversas com a juventude*. 2 ed. São Paulo, 2009.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture*. London: Murray, 1871.

VENTURA, ZUENIR. *1968 O ano que não terminou*. 3. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

Endereço do autor:

SE/Sul 801 – Conjunto B

70200-014 Brasília, DF

E-mail: toninho.bsp@salesianos.com.br